

RELATÓRIO DE PESQUISA QUALITATIVA

AVALIAÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO- RO



SUMÁRIO

1. Introdução
2. Metodologia
3. Objetivo da Pesquisa
4. Análise de Dados
 - 4.1 Saúde
 - 4.2 Segurança
 - 4.3 Saneamento Básico
 - 4.4 Educação
 - 4.5 Outras Demandas
5. Conclusão



1. Introdução

INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa conduzida pelo Instituto Novo Perfil Pesquisas, com o objetivo de compreender, em profundidade, as percepções, experiências e expectativas da população em relação aos serviços públicos ofertados no município de Porto Velho. A investigação buscou captar não apenas avaliações gerais (satisfação/insatisfação), mas também os fatores que sustentam essas percepções, como acesso, qualidade do atendimento, estrutura, resolutividade e confiança nos serviços.

O estudo foi desenvolvido por meio da técnica de Focus Group, apropriada para explorar opiniões, narrativas e significados atribuídos pelos usuários aos serviços públicos, permitindo identificar padrões de discurso, convergências, divergências e tensões entre diferentes perfis de participantes. Nesse formato, a interação entre os participantes contribui para aprofundar temas, revelar exemplos práticos do cotidiano e evidenciar critérios espontâneos de julgamento utilizados pela população.

INTRODUÇÃO

A pesquisa integra um conjunto de levantamentos qualitativos realizados no município de Porto Velho, com segmentação por faixa etária, contemplando públicos de 18 a 34 anos e de 35 a 60 anos, em grupos mistos, com participantes das classes B, C e D, residentes há mais de dois anos no município.

Os resultados apresentados devem ser interpretados como evidências qualitativas, isto é, achados que descrevem percepções e argumentos recorrentes no universo pesquisado, sem pretensão de estimar percentuais ou representar estatisticamente toda a população. Ainda assim, quando bem analisadas, essas evidências oferecem subsídios robustos para orientar diagnósticos, priorização de problemas, compreensão de barreiras de acesso e definição de pontos de melhoria com foco no usuário.

2. Metodologia

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

- ❖ Realizar Diagnóstico qualitativo sobre as principais necessidades e demandas sociais da população rondoniense, nos municípios selecionados para realização dos grupos focais,

Objetivos Específicos

- ❖ Levantar as percepções da opinião pública no tocante à incidência de políticas públicas na cidade de Porto Velho, bem como averiguar as características gerais que compõem os conceitos de ações públicas da população local;
- ❖ Compreender, em profundidade, as percepções, experiências e expectativas da população em relação aos serviços públicos ofertados no município, identificando fatores que influenciam satisfação e insatisfação;
- ❖ Levantar informações com objetivo à indução do desenvolvimento local nas suas mais diversas esferas, áreas e setores.

METODOLOGIA

- ❖ Foram realizados **02 grupos focais** com moradores de Porto Velho, subdivididos conforme faixa etária (**18–34 e 35–60 anos**), classe social (**B, C e D**), em grupos de composição mista por sexo, conforme quadro de composição apresentado neste relatório.
- ❖ Os grupos ocorreram **presencialmente**, com duração aproximada de **1h30 a 2h** cada, sob condução de moderador(a) especializado(a) na técnica de Focus Group. Cada grupo contou com **08 participantes**, totalizando **16 integrantes**.
- ❖ Todos os grupos foram gravados e transcritos, com roteiro e moderação das discussões realizados por profissional especialista na técnica.

| GRUPO | MUNICÍPIO | DATA | IDADE | SEXO | CLASSE | AGRUPAMENTO |
|-------|-------------|-------|--------------|-------|------------------------------|------------------------------------------|
| 1 | Porto Velho | 09/02 | 18 a 34 Anos | Misto | B/C/D (classe média popular) | Residentes a mais de dois anos na cidade |
| 2 | Porto Velho | 09/02 | 35 a 60 Anos | Misto | B/C/D (classe média popular) | Residentes a mais de dois anos na cidade |

3. Análise de Dados

PERCEPÇÕES SOBRE PORTO VELHO

Porto Velho é descrita pelos participantes como uma cidade pela qual existe forte vínculo afetivo, marcada por uma população percebida como acolhedora e receptiva e por um ritmo de vida considerado mais tranquilo quando comparado a outras capitais. Também aparece a percepção de que a cidade oferece oportunidades, especialmente pela dinâmica local e pela capacidade de acolher pessoas de diferentes origens. Em contrapartida, os relatos apontam fragilidades relevantes, com destaque para a infraestrutura urbana, vista como aquém do esperado para uma capital. Entre os pontos mais citados estão problemas estruturais associados à ausência/insuficiência de saneamento básico, além da percepção de subaproveitamento do potencial turístico, indicando demanda por melhor planejamento urbano e valorização das vocações locais.

Eu não troco isso aqui por nada. Aqui tem muita oportunidade de crescer e viver com dignidade, com qualidade.” (G2, classe média e baixa)

Eu acho a cidade boa, eu gosto daqui. Mas alagamento é um problema real, isso incomoda muito.” (G1, jovens, classe média e baixa)

Pra mim, a qualidade de vida aqui não é tão boa. A cidade é atrasada, é feia, não tem saneamento, não tem esgoto, a água é ruim, e falta lazer pros jovens, lugar pra passear.” (G2, classe média e baixa)

Eu nasci aqui e já morei em outras cidades, no Sul e no Sudeste, mas sempre volto. Eu sei que tem problemas, mas a vida aqui é boa: o povo é acolhedor, simpático, e a nossa natureza é maravilhosa.” (G1, jovens, classe média e baixa)

O que falta mesmo é ponto turístico. Tem muita natureza, mas pouca estrutura. A comida é muito boa, os preços são acessíveis e o custo de vida aqui é mais em conta.” (G1, jovens, classe média e baixa)

É bom em parte, mas qualquer chuva já alaga tudo. E falta uma orla bonita pra gente passear. O ponto positivo é o povo, que é bem acolhedor.” (G2, classe média e baixa)

PRINCIPAIS DEMANDAS

Alguns temas apareceram de forma recorrente como fontes de insatisfação entre os participantes, com concentração em três eixos: **saúde, segurança e infraestrutura**. Esses tópicos não surgem como queixas isoladas, mas como problemas que se reforçam mutuamente e impactam diretamente a rotina, o acesso a serviços e a percepção de qualidade de vida.

Na **saúde**, predomina a percepção de um sistema sobrecarregado e pouco resolutivo, marcado por dificuldades de acesso, filas prolongadas, demora para consultas, exames e encaminhamentos, além de limitações estruturais e de equipe. A escassez de profissionais e a insuficiência de capacidade instalada são lidas como sinais de que a rede não acompanha a demanda, gerando sensação de insegurança para quem depende exclusivamente do serviço público.

A **segurança pública** é descrita como área em agravamento, com menções a aumento de criminalidade e presença de facções, além de sensação de exposição no cotidiano. A demanda central não é apenas por “mais policiamento”, mas por resposta efetiva e previsível: maior presença territorial, ações preventivas e melhoria da capacidade de controle e investigação, de modo a reduzir a percepção de impunidade e restabelecer confiança.

Na **educação**, as falas apontaram insatisfação concentrada em dois pontos centrais: baixa efetividade do aprendizado e limitações operacionais da rede. Predomina a percepção de que o sistema tem perdido capacidade de garantir competências básicas, especialmente leitura e escrita, com menções a progressão escolar sem domínio do conteúdo e fragilização de práticas de acompanhamento. Em paralelo, surgiram queixas sobre falta de professores, turmas superlotadas, carência de creches e infraestrutura escolar envelhecida, além de lacunas na educação inclusiva, com famílias relatando dificuldade de atendimento adequado a crianças atípicas. No conjunto, a educação é percebida como um eixo que compromete o futuro e reforça desigualdades, pois afeta diretamente oportunidades, renda e mobilidade social.

PRINCIPAIS DEMANDAS

Já a infraestrutura aparece como um desafio estrutural, percebido como base para o funcionamento dos demais serviços. Foram citados problemas como deficiências de saneamento, vias e acessos com baixa qualidade, impactos de chuvas/alagamentos e fragilidades de planejamento urbano. Para os participantes, avanços nesse eixo são condição para desenvolvimento econômico e social, pois afetam mobilidade, saúde pública, segurança, custos cotidianos e atratividade do território.

Além das demandas centrais, surgiram também menções a fatores que afetam diretamente a conectividade, a atratividade econômica e a confiança institucional. Entre eles, destacam-se críticas à baixa oferta de voos, aos custos elevados e à limitação de horários, percebidos como entraves para circulação de pessoas, acesso a oportunidades e integração com outras regiões. Essa restrição é interpretada como um elemento que encarece a vida e reduz a competitividade local, especialmente quando somada a dificuldades de deslocamento terrestre.

Por fim, emergiu um componente transversal ligado à confiança na política e na capacidade de gestão, historicamente marcado por sentimento de baixa entrega, promessas não cumpridas e pouca previsibilidade. Mas, ao mesmo tempo, em Porto Velho também aparece, no discurso público mais recente, a percepção de sinais de melhoria em frentes visíveis da rotina urbana, como ações de limpeza e ordenamento (ex.: Operação Cidade Limpa) e medidas voltadas à mobilidade, com destaque para a redução da tarifa do transporte coletivo (de R\$ 6 para R\$ 3, com tarifa estudantil reduzida), oficializada por decreto e amplamente divulgada pela gestão municipal .

Assim, as questões complementares permanecem como barreiras relevantes ao progresso e à qualidade de vida, mas os participantes tendem a valorizar quando há entregas concretas, critérios mais claros de priorização e comunicação consistente de resultados, elementos percebidos como essenciais para recuperar credibilidade e reduzir a sensação de estagnação.

PRINCIPAIS DEMANDAS

“Tá faltando segurança, muito risco de assalto nas ruas, cada vez tá pior” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

“A carência de espaços de lazer é um grande problema, não tem sistema aéreo, vir pra cá é mais caro do que ir pra Europa.” (G2, classe média alta e baixa)

“Aqui é ruim de coisas estruturais, aeroporto aqui é o pior do mundo, não tem voos. Eu só mudaria daqui pra sair do país, mas pra outro estado né.” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

“A saúde é o problema da cidade, mas a segurança tá um caos também e o saneamento não resolvem, fizeram um pouco, mas ainda falta muito” (G2, classe média alta e baixa)

“Aqui é uma coisa puxando a outra: sem infraestrutura a cidade alaga, aí a saúde trava e a gente fica sem atendimento, estamos vendo as coisas melhorarem mais ainda falta muito” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

Não adianta falar que tem serviço se você não consegue acessar: fila na saúde, rua ruim e insegurança no caminho. (G1, jovens, classe média alta e baixa)

“A insegurança muda tudo: você evita sair, evita levar criança, e até ir no posto fica perigoso dependendo do horário, por isso precisamos de uma atenção grande nessas áreas, não queremos mais padecer” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

“Você resolve um problema e aparece outro: vai atrás de consulta, perde o dia em fila e ainda volta pra casa no escuro, com medo. Precisamos de solução, as pessoas estão morrendo por causa do descaso público” (G2, classe média alta e baixa)

“O problema é que o aluno passa de ano, mas sai sem saber ler e escrever direito. A escola está muito fraca.” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

“Tá faltando professor e as turmas ficam lotadas. Aí não tem como dar atenção e a qualidade cai.” (G2, classe média alta e baixa)

“Quem tem filho atípico sente mais: falta preparo e suporte, parece que a escola não está pronta pra lidar com a diversidade.” (G1, jovens, classe média alta e baixa)

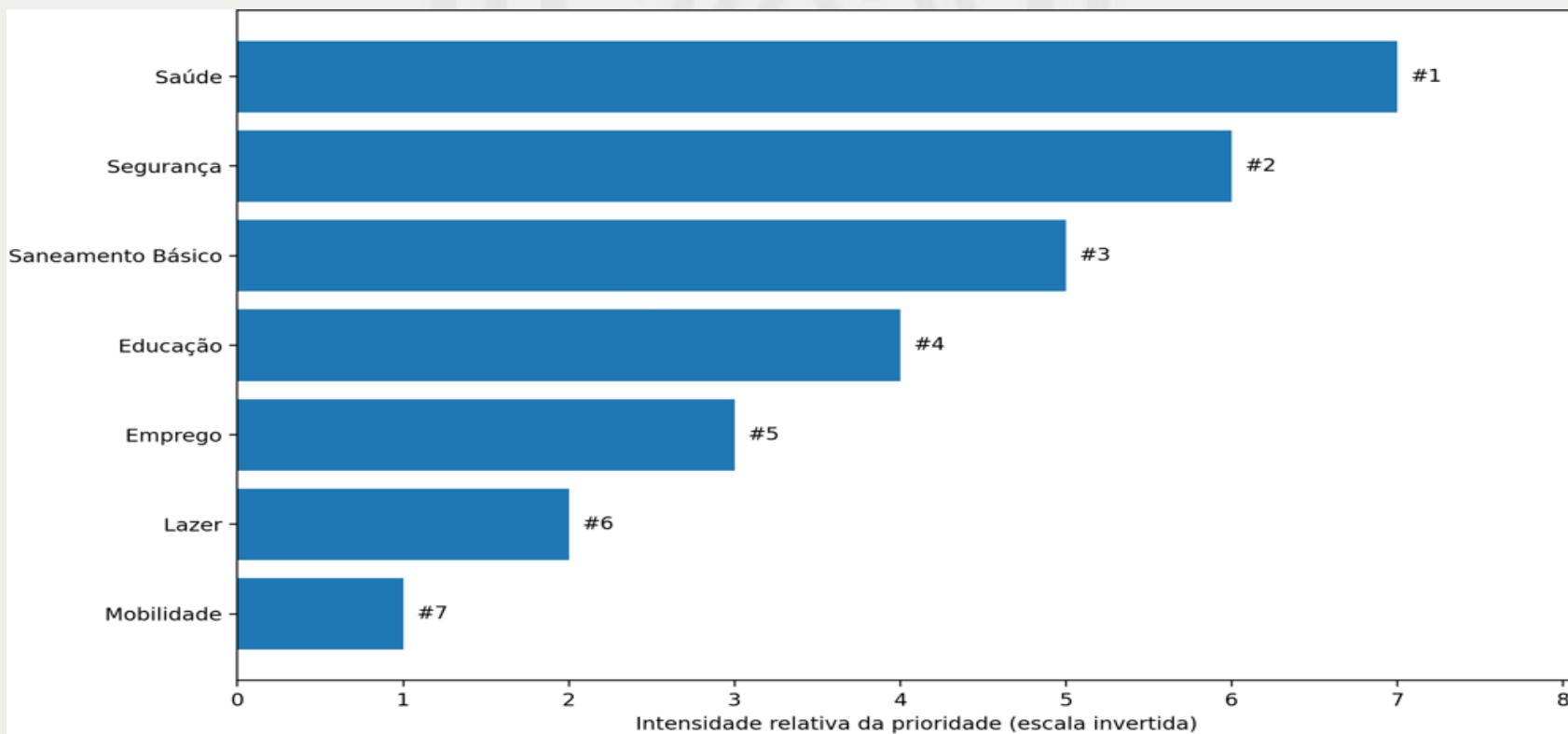
PRINCIPAIS DEMANDAS

Para sintetizar visualmente os temas que emergiram com maior recorrência nas discussões realizadas em Porto Velho, apresenta-se a seguir uma nuvem de palavras com as principais demandas mencionadas pelos participantes. O recurso destaca, em maior dimensão, os eixos de maior centralidade no discurso, como saúde, segurança, saneamento básico e educação, seguidos por temas complementares ligados à dinâmica urbana e à qualidade de vida, como emprego, lazer e mobilidade.



PRINCIPAIS DEMANDAS

Para sintetizar as prioridades apontadas pelos participantes, o gráfico a seguir apresenta a hierarquia de demandas identificada no estudo. Observa-se que a Saúde se consolida como a principal preocupação, figurando como prioridade máxima, seguida por Segurança, Saneamento Básico e Educação, que compõem o núcleo de demandas mais urgentes. Em um segundo plano, aparecem pautas complementares como: **Emprego, Lazer e Mobilidade**, mencionadas como relevantes para a qualidade de vida e o desenvolvimento local, porém com menor centralidade quando comparadas aos três eixos principais.



PRINCIPAIS DEMANDAS-SAÚDE

A saúde foi percebida como um serviço em situação crítica. Os relatos indicaram um sistema sobrecarregado e desorganizado, com hospitais lotados, filas longas e demora excessiva para consultas, exames e atendimentos especializados. O João Paulo II apareceu de forma recorrente como insuficiente para a demanda do estado, com os Porto velhenses estão envergonhados com as histórias sobre o hospital. As UPAs foram vistas como pouco resolutivas. Houve ainda críticas à falta de profissionais especializados e à ausência de atendimento adequado para pessoas com deficiência, transtornos mentais, idosos e crianças atípicas.

“A saúde aqui está na UTI, de tão grave. UPAS sempre lotadas, nunca tem um remédio, um exame nunca sai na hora.” (G2, classe média e baixa)

“O João Paulo II é uma vergonha, o EURO também é ruim, uma desorganização, essa história de construção, fizeram todo um circo e não deu em nada, isso pra mim é bem grave” (G2, classe média e baixa)

“Nosso João Paulo é uma vergonha, o sistema não é unificado, você recebe encaminhamento pra um local, dai lá não atende, você perde a guia, um caos de desorganização.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“A saúde ainda deixa a desejar, a UPA da Zona Leste é boa, mas as outras não são. A da Mamoré é péssima, não tem médico, não tem remédio.” (G2, classe média e baixa)

A Zona Sul é um caos, UPAs super lotadas, aquela da Mamoré é um caos. A do Ulysses ainda é melhor, o atendimento é melhor, mais rápido, mas a Zona Sul não da conta da demanda.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Investir em hospitais, desafogar o João Paulo, aumentar o tempo dos postinhos que só funcionam até as 14h, se ampliasse o horário, já era uma coisa boa.” (G2, classe média e baixa)

PRINCIPAIS DEMANDAS-SAÚDE

“Lá onde eu moro não tem médico, nunca tem vaga pelo agente de saúde, lá no meu bairro (Nova Esperança) é um caos. Onde eu moro o Uber não vai, ele falou que asfaltou o bairro todo, mas é mentira, minha rua é de terra.” (G2, classe média e baixa)

“O atendimento nas UPAs está bem difícil: muita confusão, briga, e você chega passando mal e fica 10, 12 horas esperando. Parece que tem médico que evita atender e fica só esperando a hora do plantão passar pra outro.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Eu só vou pra UPA em último caso mesmo. No posto de saúde eu fui muito melhor atendida, acompanhei minha gestação por lá e foi ótimo. O Pedacinho de Chão é excelente. Demora algumas coisas, mas acontece, sai.” (G2, classe média e baixa)

“A UPA da Zona Leste é um caos, você entra doente e parece que sai pior. Já a UPA do Ulysses eu acho muito boa, sempre tem alguém pra te acolher e atender.” (G2, classe média e baixa)

“No João Paulo II está tão cheio que mal dá pra andar nos corredores, de tanta gente deitada no chão.” (G2, classe média e baixa)

“O problema não é só marcar consulta; é conseguir exame e especialista depois. Você faz a consulta e fica meses esperando o encaminhamento andar.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Falta remédio básico. Você vai no posto, pega receita, e na farmácia não tem. Aí quem pode compra, quem não pode fica sem.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“É tudo muito desorganizado: você pega guia, vai no lugar e dizem que ali não atende, aí você perde tempo, perde a guia e tem que começar de novo.” (G2, classe média e baixa)

DISCUSSÃO DOS DADOS- SAÚDE

Os relatos sobre saúde em Porto Velho compõem um quadro de criticidade sistêmica, marcado por sobrecarga, baixa resolutividade e falhas de coordenação entre níveis de atenção. A metáfora “a saúde está na UTI” não aparece como exagero retórico isolado; ela sintetiza a percepção de um serviço operando no limite, com UPAs lotadas, ausência recorrente de medicamentos, e demoras excessivas para exames e atendimento (“UPAs sempre lotadas, nunca tem um remédio, um exame nunca sai na hora”). Nesse contexto, o problema é percebido menos como evento pontual e mais como padrão de funcionamento.

- ❑ **Porta de entrada saturada e experiência negativa nas UPAs:** A UPA é descrita como a principal porta de urgência, mas vista como ambiente de tensão e baixa eficiência, com longas esperas e conflitos (“muita confusão, briga... 10, 12 horas esperando”). O discurso sugere uma experiência de atendimento marcada por sofrimento adicional e sensação de negligência (“parece que tem médico que evita atender e fica só esperando a hora do plantão passar”). Além disso, há leitura de desigualdade de desempenho entre unidades: algumas são percebidas como “melhores” (Ulysses), enquanto outras são descritas como caóticas e insuficientes para a demanda (Zona Sul/Mamoré; críticas também à Zona Leste). Essa variabilidade reforça a percepção de que o sistema não tem padrão mínimo homogêneo, e que o cidadão precisa “saber para onde ir” para ter chance de atendimento melhor.

DISCUSSÃO DOS DADOS- SAÚDE

- ❑ **Hospital de referência como símbolo de colapso e desorganização:** O Hospital João Paulo II aparece de forma recorrente como marco simbólico da crise, associado a superlotação e condições indignas (“mal dá pra andar nos corredores... gente deitada no chão”). A crítica não é apenas à lotação, mas à ideia de que o hospital, enquanto referência, é incapaz de absorver o volume de casos, tornando-se sinônimo de desafio estrutural não resolvido. Menções ao “circo” de obra e ausência de resultados reforçam frustração com promessas e percepção de baixa capacidade de entrega (“fizeram todo um circo e não deu em nada”). Quando o hospital de referência vira “vergonha” na narrativa pública, ocorre perda de confiança e aumento da sensação de desamparo, porque o cidadão entende que nem a última instância do sistema “segura” a demanda.
- ❑ **Falhas de fluxo, regulação e continuidade do cuidado (“sistema não unificado”):** Um dos achados mais consistentes é a percepção de que o sistema é desorganizado e fragmentado: encaminhamentos não são aceitos no local indicado, guias se perdem, e o usuário precisa reiniciar processos (“você recebe encaminhamento pra um local, daí lá não atende... você perde a guia”). Além disso, a queixa de que “o problema não é só marcar consulta” aponta para um gargalo clássico: a fila da especialidade e do exame é o grande bloqueio do percurso do paciente (“meses esperando o encaminhamento andar”). Isso revela uma crise de continuidade: mesmo quando a atenção básica realiza o primeiro atendimento, o paciente não consegue avançar no fluxo assistencial.

DISCUSSÃO DOS DADOS- SAÚDE

- ❑ **Determinantes territoriais e acesso físico (infraestrutura urbana afetando saúde):** Embora o tema seja saúde, emergem fatores de território que interferem diretamente no acesso: em um bairro citado, além de ausência de médico e vagas, há dificuldade de locomoção (“onde eu moro o Uber não vai”, rua de terra). Isso reforça que a experiência de saúde não depende só da unidade, mas da possibilidade real de chegar ao serviço e de ter cobertura mínima na região.

Em Porto Velho, a saúde é percebida como um sistema operando em modo de colapso, com três núcleos de problema: (1) **urgência saturada e desigual por unidade**, (2) **hospital de referência superlotado e simbolicamente “desmoralizado”**, e (3) **falhas de coordenação do fluxo assistencial**, especialmente em exames e especialidades. Como contraponto, a atenção básica aparece como espaço de melhor experiência e potencial de solução, mas limitada por falta de profissionais, vagas e horário reduzido. No conjunto, os participantes indicam que melhorar saúde passa menos por ações pontuais e mais por aumentar capacidade instalada, padronizar o atendimento, e organizar o percurso do paciente, com atenção especial à cobertura territorial e à acessibilidade nos bairros.

QUADRO DE SÍNTESE- SAÚDE

| Principais Problemas | Impactos | Expectativas da População |
|----------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| UPAs frequentemente associadas a lotação, espera prolongada e conflitos no atendimento | Atraso no tratamento e agravamento de casos | Ampliar capacidade e organização das UPAs |
| Queixas sobre demora para exames, especialistas e encaminhamentos | Desgaste emocional das famílias | Melhorar fluxo de regulação, exames e especialistas |
| Relatos de falta de medicamentos e falhas de continuidade do cuidado | Piora de paciente sem medicamento e sem acompanhamento | Regularidade no abastecimento de medicamentos |
| Percepção de desigualdade entre unidades | Peregrinação entre unidades | Unificar os atendimentos |
| Hospital João Paulo II citado como símbolo da crise e colapso | Perda de confiança no serviço público | Desafogar hospital de referência |

PRINCIPAIS DEMANDAS-SEGURANÇA

Em Porto Velho, a **segurança pública** foi descrita como um tema em piora perceptível nos últimos anos, com relatos frequentes de aumento de assaltos, roubos e episódios de violência urbana, gerando um clima contínuo de insegurança e medo no cotidiano. Essa percepção é acompanhada pela ideia de que a resposta estatal tem sido insuficiente seja por limitações de efetivo, seja por baixa presença territorial, o que reforça a sensação de vulnerabilidade, especialmente em horários e locais considerados de maior risco.

Também emergiu a percepção de desigualdade territorial da segurança dentro da própria capital. Alguns bairros são avaliados como relativamente mais tranquilos, enquanto outros são descritos como áreas de maior incidência criminal, o que produz sentimento de injustiça e de abandono para moradores das regiões mais afetadas. Nesse sentido, os participantes sugerem necessidade de distribuição mais equilibrada de recursos e estratégias, com presença mais consistente nas áreas críticas e maior capacidade de resposta.

Por fim, embora o discurso seja marcado pela urgência de ações imediatas, os participantes também apontam que a redução sustentada da criminalidade depende de uma combinação com medidas preventivas e sociais, especialmente voltadas à juventude. Foram citadas como relevantes iniciativas de educação, oportunidades de emprego, programas comunitários e melhoria do ambiente urbano, como iluminação pública e espaços de lazer

PRINCIPAIS DEMANDAS-SEGURANÇA

“O Estado como um todo tá sem segurança, mas aqui na capital as coisas estão mais escancaradas, assaltos à luz do dia, já no interior a gente não fica sabendo. Só que lá tem histórias de assassinatos constantes, matam, jogam no rio e ninguém fica sabendo.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“A facção tomou conta até da política, aqui tá cheio de vereador que foi eleito com dinheiro do crime, pra daí representar coisas do interesse deles.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Eu acho que a violência tá demais, toda hora é notícia da facção, criminalidade” (G2, adultos, classe alta)

“A gente está entre os primeiros lugares em feminicídio, e a criminalidade cresceu demais. Agora, com o novo secretário de segurança, parece que começaram a se mexer, mas as facções já tomaram conta. Eu precisei sair do meu apartamento na Zona Leste porque não tenho coragem de voltar pra casa à noite. O Estado é omissivo e a criminalidade está mandando.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“A única coisa que me incomoda aqui é a insegurança. Não dá mais pra ficar com o portão aberto, não dá pra andar de moto à noite, nem ficar com celular na mão. Está muito perigoso. Minhas filhas já foram assaltadas voltando da escola, levaram até a mochila delas.” (G2, adultos, classe alta)

“Tem locais que a segurança tá pior, na Zona Sul é mais tranquilo, mas as áreas mais novas tá perigoso, muita gente estranha, na Zona Leste é mais perigoso. Com certeza a segurança piorou muito de uns tempos pra cá” (G2, adultos, classe alta)

“A parte da segurança está bem difícil. Eu moro no bairro Nova Esperança e lá tem um condomínio não fechado. Temos um grupo do Whats e praticamente todo dia alguém coloca algo relacionado a assalto” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Lá no Orgulho do Madeira tá feio, facções estão tomando conta da região ainda. Mas em alguns bairros, tá um pouco mais seguro” (G1, jovens, classe média e baixa)

DISCUSSÃO DOS DADOS- SEGURANÇA

- ❑ **Violência “escancarada” e sensação de insegurança cotidiana:** Em Porto Velho, a percepção dominante é de exposição: crimes acontecendo em plena luz do dia e reforço de medo no cotidiano. A frase “na capital as coisas estão mais escancaradas” delimita uma diferença importante: não é só volume de crime; é visibilidade e sensação de impunidade. A experiência de assalto envolvendo familiares, inclusive no trajeto escolar, reforça a percepção de vulnerabilidade e amplia o medo (“minhas filhas já foram assaltadas voltando da escola”).
- ❑ **Territorialização do medo e deslocamentos forçados:** A insegurança é descrita como localizada e intensa em determinadas áreas, com destaque para a Zona Leste como território de maior medo em um dos relatos, a ponto de provocar mudança residencial (“tive que sair do meu apartamento... não tenho coragem de voltar pra casa à noite”).
- ❑ **Facções como eixo explicativo e percepção de perda de controle estatal:** As facções aparecem como elemento central da narrativa de insegurança, associadas à ideia de “tomada de território” e aumento da criminalidade. O tom das falas (“as facções tomaram conta”) sugere percepção de que o Estado perdeu capacidade de controle e de dissuasão, o que intensifica o medo e a sensação de impunidade.
- ❑ **Violência de gênero como indicador de gravidade:** A menção ao alto índice de feminicídios aparece como marcador de gravidade e amplia a compreensão do problema para além de crimes patrimoniais. Isso reforça a leitura de que a violência atinge diferentes esferas e que há grupos mais expostos ao risco.

DISCUSSÃO DOS DADOS- SEGURANÇA

- ❑ **Avaliação da gestão e expectativa de resposta mais ativa:** Apesar do tom crítico, aparece a percepção de que houve início de movimentação institucional recente (“agora... parece que começaram a se mexer”), ainda que insuficiente diante do nível de problema percebido. Em paralelo, há julgamento duro sobre omissão estatal (“o Estado é omissor”), o que sinaliza baixa confiança acumulada.

Em Porto Velho, a insegurança é vivida como restrição concreta de liberdade, com mudanças de comportamento, territorialização do medo e percepção de avanço de facções. O problema é interpretado como resultado de aumento de criminalidade e insuficiência de resposta estatal, com repercussões diretas na rotina de famílias e na circulação urbana. A expectativa dos participantes combina ações imediatas (presença, resposta rápida, proteção em áreas críticas) com estratégias estruturantes (prevenção e enfrentamento ao crime organizado), de modo a produzir melhora perceptível e reconstruir confiança na capacidade do poder público de garantir segurança no cotidiano.

QUADRO DE SÍNTESE- SEGURANÇA

| Principais Problemas | Impactos | Expectativas da População |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Aumento da percepção de assaltos, roubos e violência urbana | Recuo da vida noturna e do uso dos espaços públicos | Reforço de policiamento ostensivo |
| Sensação de que alguns territórios/bairros estão mais expostos e desassistidos | Maior sensação de vulnerabilidade em bairros específicos | Melhor distribuição territorial da presença policial |
| Menções a facções como fator de agravamento do cenário e erosão da tranquilidade local | Medo de circulação de jovens e famílias | Ações preventivas e controle e radicalização das facções |
| Expectativa de maior presença do Estado e respostas mais concretas | Desconfiança sobre capacidade de resposta do poder público | Comunicação clara sobre ações e resultados de segurança |

PRINCIPAIS DEMANDAS-SANEAMENTO BÁSICO

A ausência/insuficiência de saneamento básico é tratada como problema de infraestrutura e, ao mesmo tempo, como questão de saúde pública e “atraso” simbólico para uma capital, com impacto mais severo nas áreas vulneráveis. Nos últimos meses, contudo, também se observa a percepção de maior atenção da gestão municipal a ações de zeladoria e drenagem, com frentes de limpeza de canais e desobstrução de bocas de lobo, além de intervenções pontuais para reduzir alagamentos ; ainda assim, os próprios participantes mencionam que há muito trabalho pela frente para que a cidade atinja patamares compatíveis com a demanda urbana e sanitária .

“Aqui é um estado novo, em Porto Velho a estrutura é muito ruim, cresceu muito a cidade, mas a infraestrutura não acompanhou” (G1, jovens, classe média e baixa)

“O alagamento é um problema de anos, mas a população não ajuda, deixa lixo nas ruas depois da feira, joga moveis e lixo nas ruas, que entopem os bueiros, não é só culpa do prefeito, porque ele tem trabalhado para resolver isso.” (G2, classe média e baixa)

“Sobre o saneamento básico, tem várias ruas alagando ainda. Teve um dia que alagou tudo lá em casa. Eles estão apenas asfaltando a rua, mas não estão cuidando do destino da água” (G1, jovens, classe média e baixa)

“A cidade é péssima, quando chove, alaga tudo, fica perigoso pra andar no trânsito, já tivemos vários acidentes, inclusive de uma pessoa que caiu com carro dentro do bueiro” (Porto Velho, jovens/adultos, classe baixa) (G1, jovens, classe média e baixa)

Nossos problemas são em sua maioria na época das chuvas, é muito difícil. Acredito que a atual gestão ainda tem grande trabalho pela frente.” (G2, classe média e baixa)

“Fico pensando será que um dia esses alagamentos vão acabar? Vemos hoje que a atual gestão vem trabalhando nesse sentido, mas sabemos que é uma tarefa de longo prazo, com certeza não será do dia para noite que os alagamentos irão acabar” (G2, classe média e baixa)

DISCUSSÃO DOS DADOS- SANEAMENTO

Em Porto Velho, saneamento e drenagem aparecem como temas estruturais e fortemente associados à experiência cotidiana da cidade, sobretudo no período chuvoso. As falas apontam para a percepção de que a capital cresceu de forma acelerada, mas sem a infraestrutura acompanhar esse ritmo, gerando um passivo histórico (“cresceu muito... mas a infraestrutura não acompanhou”). Nesse contexto, alagamentos deixam de ser vistos como episódios excepcionais e passam a ser interpretados como problema recorrente, previsível e de difícil solução no curto prazo.

- ❑ **Alagamentos como problema crônico e risco urbano:** A recorrência das chuvas como gatilho de crise aparece de forma clara: “quando chove, alaga tudo”, com impactos que vão além do incômodo e entram no campo do risco. Os participantes citam transtornos graves, como insegurança no trânsito e acidentes, inclusive com relatos de situações extremas envolvendo bueiros.
- ❑ **Crítica à lógica “asfalta, mas não resolve o destino da água”:** Um achado consistente é a percepção de que intervenções de pavimentação, embora valorizadas, são vistas como insuficientes quando não vêm acompanhadas de drenagem adequada. A frase “asfaltando a rua, mas não cuidando do destino da água” sintetiza a leitura de obra “pela metade”, que não resolve o problema de fundo e pode inclusive agravá-lo se aumentar impermeabilização sem escoamento.
- ❑ **Responsabilidade compartilhada: gestão pública e comportamento social:** Um diferencial importante nas falas é que parte dos participantes reconhece que o problema não é atribuído exclusivamente ao governo. Há menção explícita a práticas da população que agravam alagamentos, como descarte irregular de lixo e móveis e obstrução de bueiros, especialmente após feiras. Ao mesmo tempo, aparece o reconhecimento de esforços da gestão atual para enfrentar o tema (“não é só culpa do prefeito, porque ele tem trabalhado para resolver”).

DISCUSSÃO DOS DADOS- SANEAMENTO

- ❑ **Responsabilidade compartilhada: gestão pública e comportamento social:** Um diferencial importante nas falas é que parte dos participantes reconhece que o problema não é atribuído exclusivamente ao governo. Há menção explícita a práticas da população que agravam alagamentos, como descarte irregular de lixo e móveis e obstrução de bueiros, especialmente após feiras. Ao mesmo tempo, aparece o reconhecimento de esforços da gestão atual para enfrentar o tema (“não é só culpa do prefeito, porque ele tem trabalhado para resolver”).
- ❑ **Expectativa realista: melhora gradual e trabalho de longo prazo:** As falas mostram que, embora haja cobrança, existe uma expectativa relativamente madura sobre o horizonte de solução: “tarefa de longo prazo”, “não será do dia para noite”. Além disso, aparece a ideia de que a atual gestão está atuando, mas ainda há muito a ser feito.

Em suma, o saneamento e drenagem são percebidos como gargalos históricos que se tornam críticos no período das chuvas, produzindo alagamentos recorrentes, riscos no trânsito e sensação de infraestrutura insuficiente para uma capital. A pavimentação é reconhecida como avanço, mas é questionada quando não vem integrada a soluções de escoamento e manutenção, gerando percepção de intervenção incompleta. Também emerge uma leitura de responsabilidade compartilhada, obras e gestão pública de um lado, e comportamento social/fiscalização de outro, com reconhecimento de esforços recentes da administração, embora o diagnóstico geral seja de que o passivo acumulado exige ações contínuas e planejamento de médio/longo prazo para produzir melhora perceptível e sustentada.

QUADRO DE SÍNTESE- SANEAMENTO

| Principais Problemas | Impactos | Expectativas da População |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Alagamentos recorrentes em períodos de chuva | Risco em deslocamentos durante chuvas e casas e comércios alagados | Drenagem e escoamento como prioridade (não só pavimentação) |
| Associação entre saneamento precário e impacto direto em casas e comércios | Danos materiais e transtornos domiciliares | Limpeza contínua de bueiros/canais |
| Percepção de que crescimento da cidade não foi acompanhado por infraestrutura adequada | Desigualdade territorial (bairros mais afetados) | Planejamento por bacia/área crítica |
| Reconhecimento de que a população também contribui para o problema (lixo, entupimento de bueiros) | Desconfiança sobre capacidade de resposta do poder público | Comunicação clara sobre ações e resultados |

PRINCIPAIS DEMANDAS-EDUCAÇÃO

A educação foi descrita pelos participantes como um serviço enfraquecido, em que a principal crítica não recai sobre a inexistência de escolas, mas sobre a dificuldade do sistema em garantir aprendizagem efetiva e manter um padrão mínimo de exigência. Predomina a percepção de que o estudante avança de série sem consolidar competências básicas, especialmente alfabetização, o que gera sensação de baixa entrega no resultado final.

“Não é que a educação seja ruim, mas está muito fraca, o aluno não reprova, passa de ano sem saber ler ou escrever.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Eu tenho filho atípico, mas os profissionais não são preparados para lidar com a diversidade.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“A gente precisa de programas de formação continuada pros professores. Eles têm que estar preparados pras demandas pedagógicas de hoje.” (G2, classe média e baixa)

“As escolas públicas precisam com urgência de uma infraestrutura melhor. Não tem como estudar em sala lotada e mal equipada.” (G2, classe média e baixa)

“Minha filha estuda em escola pública e a estrutura é muito ruim. Falta ventilação, o mobiliário está quebrado... fica difícil aprender desse jeito. Precisam reformar urgente pra dar um ambiente digno pras crianças. (G1, jovens, classe média e baixa)

“O aluno vai passando de ano, mas chega numa série mais alta sem saber o básico. Falta reforço e acompanhamento de verdade pra quem tem dificuldade.” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Falta equipe e suporte na escola: orientação, psicólogo, profissional preparado. A escola acaba só ‘segurando’ os alunos, mas sem conseguir dar a atenção que precisa.” (G2, classe média e baixa)

Pra aluno neurodivergente, cuidador não é luxo, é necessidade. Sem esse apoio dentro da sala, a criança não acompanha, o professor não consegue dar atenção e todo mundo perde — principalmente o aluno. (G1, jovens, classe média e baixa)

DISCUSSÃO DOS DADOS- EDUCAÇÃO

- ❑ **Infraestrutura escolar como barreira direta à aprendizagem:** Um núcleo forte do discurso associa qualidade educacional a condições materiais mínimas. Foram mencionadas salas superlotadas, ambientes mal equipados e estrutura física inadequada, incluindo problemas de ventilação e mobiliário danificado. A infraestrutura precária aparece como fator que “impede aprender”, reforçando a demanda por reformas e adequações urgentes.
- ❑ **Capacidade operacional: lotação, equipe e suporte insuficiente:** A superlotação é apontada como sintoma de uma rede operando acima da capacidade, com repercussões sobre atenção individual, disciplina e acompanhamento. Além disso, surgem referências a falta de equipe e de suporte multiprofissional, reforçando a percepção de que a escola “segura” os alunos, mas não consegue atender adequadamente necessidades diversas.
- ❑ **Formação docente como requisito de atualização e qualidade:** Entre participantes, aparece a demanda por formação continuada como componente indispensável para responder a desafios pedagógicos contemporâneos. A fala indica expectativa de que a qualificação do professor acompanhe novas metodologias, diversidade em sala e demandas atuais de aprendizagem.
- ❑ **Inclusão e neuro divergência, necessidade de cuidadores e apoio especializado:** A educação inclusiva surge como dimensão crítica. Foi ressaltada a importância de cuidadores e de apoio especializado para alunos neuro divergentes, com a leitura de que, sem esse suporte em sala, a criança não acompanha e o professor não consegue atender a turma de forma adequada.

DISCUSSÃO DOS DADOS- EDUCAÇÃO

Em Porto Velho, os participantes descrevem a educação como fragilizada por uma combinação de infraestrutura inadequada, capacidade operacional insuficiente (lotação e suporte), e necessidade de qualificação e apoio pedagógico, com destaque para inclusão de alunos neuro divergentes. O conjunto dos relatos sugere que a melhora percebida passa por medidas concretas e integradas: requalificação física das escolas, dimensionamento de turmas e equipes, formação continuada e fortalecimento de suporte especializado, visando recuperar efetividade do aprendizado e estabelecer um padrão mínimo de qualidade na rede pública.

Como síntese final, a educação em Porto Velho é percebida como um eixo que, quando falha, multiplica vulnerabilidades: limita mobilidade social, reduz perspectivas de emprego de melhor qualidade e aprofunda desigualdades já existentes. Por isso, os participantes tendem a avaliar positivamente iniciativas que gerem melhora tangível no cotidiano escolar, salas menos cheias, estrutura funcional, professores apoiados e presença de cuidadores e suporte especializado, porque esses elementos sinalizam não apenas investimento, mas capacidade de gestão e compromisso com resultados. Em termos práticos, a expectativa é por uma rede que “funcione” com previsibilidade e que entregue o básico com consistência: alfabetizar, acompanhar, incluir e manter um ambiente minimamente digno para aprender.

OUTRAS DEMANDAS

Além dos serviços essenciais, surgiram demandas relacionadas à qualidade de vida, dinamização econômica e pertencimento urbano, com destaque para emprego e para a baixa oferta de lazer e cultura. Em geral, esses temas aparecem como “segunda camada” do diagnóstico: não substituem saúde/segurança/infraestrutura, mas ajudam a explicar por que parte dos moradores reconhece aspectos positivos da cidade e, ainda assim, relata cansaço, desmotivação e pouca perspectiva de futuro.

- ❑ **Emprego e renda (oportunidade x qualidade):** Os participantes costumam distinguir entre “ter trabalho” e “ter emprego bom”. A demanda não é apenas por vagas, mas por oportunidades de melhor remuneração e progressão, sobretudo para quem busca qualificação e estabilidade. Esse ponto se conecta à percepção de valorização (ou não) da educação e à sensação de que a cidade precisa ampliar sua capacidade de gerar empregos formais, diversificados e com melhor renda.
- ❑ **Lazer, cultura e turismo como ativos subaproveitados:** A falta de opções de lazer e espaços de convivência aparece como elemento que reduz atratividade e sensação de cidade “viva”, especialmente para jovens e famílias. A cultura e o turismo surgem como potenciais ainda pouco explorados: os participantes mencionam que existe natureza e vocação local, mas faltariam estrutura, programação, eventos, roteiros e incentivo para transformar potencial em atividade econômica e social contínua. Em contrapartida, também aparece o reconhecimento de que a gestão municipal atual tem buscado fortalecer esse eixo ao promover e apoiar eventos e ações de valorização do espaço urbano, ainda que os participantes sinalizem que o desafio permanece amplo e demanda continuidade, planejamento e maior escala.

OUTRAS DEMANDAS

- ❑ **Mobilidade e conectividade (ir e vir, acessar oportunidades):** Como demanda complementar, aparece a dificuldade de deslocamento e de conectividade com outras regiões: custos, pouca oferta e limitações de acesso (inclusive transporte aéreo/rodoviário, quando o tema surge). Esse eixo é percebido como barreira indireta ao emprego, ao turismo e à integração econômica, pois encarece deslocamentos e reduz circulação de pessoas e oportunidades.
- ❑ **Gestão, organização urbana e “cidade funcional:** Por fim, parte das falas em outras demandas aponta para expectativas de uma cidade mais organizada no cotidiano: manutenção urbana, limpeza, iluminação, ordenamento de espaços públicos e comunicação clara de prioridades. Mesmo quando não é citado como “tema principal”, esse bloco influencia a avaliação global da cidade, porque funciona como indicador de gestão e sensação de cuidado com o espaço urbano.

Em Porto Velho, emprego, lazer e cultura aparecem como demandas de médio prazo, associadas à atratividade, retenção de talentos e bem-estar. Quando o município consegue avançar em serviços básicos e, ao mesmo tempo, ampliar opções de lazer/cultura e oportunidades econômicas, a percepção tende a migrar de “cidade que dá para viver” para “cidade em que vale a pena ficar e construir futuro”.

OUTRAS DEMANDAS

Porto Velho precisa de mais opção de lazer. Final de semana a gente fica sem ter pra onde ir com a família, que ainda dá de ir é no Parque da Cidade e na Estrada de Ferro que voltou a funcionar (G1, jovens, classe baixa e média)

“A cidade tem potencial, mas falta evento, falta programação cultural. Se tivesse mais movimento, melhorava até o comércio” (G2, classe média e baixa)

“Emprego até tem, mas emprego bom é difícil. Pra quem é mais qualificado, falta oportunidade de verdade, as vezes as pessoas tem o ensino superior e mesmo assim é difícil, porque tudo exigem experiência nas áreas” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Eu até vejo que a prefeitura tem feito alguns eventos, isso ajuda. Mas ainda falta constância e estrutura pra virar uma agenda de verdade.” (G2, classe média e baixa)

“As vezes em muitos locais falta iluminação, limpeza e realmente atenção do poder público. O que vemos é que muitos bairros são priorizados e outros esquecidos” (G2, classe média e baixa)

“Andar de avião? Só se formos ricos, as passagens aéreas estão um absurdo, tem companhia que saiu da cidade. Infelizmente sair do estado hoje só pra quem tem condição financeira, é um descaso com a população e sabe ainda mais? Não temos ninguém por nós” (G1, jovens, classe média e baixa)

“Para completar tem o pedágio mais caro do Brasil, pra você sair da cidade tem que passar por eles e deixar uma grana, isso implica diretamente no valor de tudo na nossa cidade, tudo está difícil pra nós” (G1, jovens, classe média e baixa)

DISCUSSÃO DOS DADOS- OUTRAS DEMANDAS

Além dos eixos centrais (saúde, segurança e infraestrutura), os participantes trouxeram um conjunto de demandas relacionadas à qualidade de vida, dinamização econômica e sensação de pertencimento urbano. Essas pautas aparecem como uma “segunda camada” do diagnóstico: não substituem urgências básicas, mas explicam por que parte dos moradores reconhece aspectos positivos da cidade e, ao mesmo tempo, relata cansaço, baixa atratividade e limitações para crescer e circular.

- ❑ **Lazer, cultura e vida urbana: cidade com poucas opções e baixa programação:** A falta de opções de lazer e de programação cultural surge como queixa recorrente, especialmente para finais de semana e atividades familiares. A percepção é de que a cidade “tem potencial”, mas carece de agenda consistente de eventos e de espaços estruturados. Mesmo quando há reconhecimento de esforços recentes da gestão municipal na promoção de eventos, o discurso aponta ausência de constância, estrutura e escala para transformar iniciativas pontuais em uma política continuada de ativação cultural e turística.
- ❑ **Emprego: existe oferta, mas falta oportunidade qualificada e porta de entrada:** No tema emprego, os participantes fazem uma distinção clara entre “ter trabalho” e “ter emprego bom”. A crítica se concentra na baixa oferta de oportunidades para perfis qualificados e na dificuldade de inserção de quem possui ensino superior, em razão da exigência de experiência prévia.

DISCUSSÃO DOS DADOS- OUTRAS DEMANDAS

- ❑ **“Cidade funcional”:** **iluminação, limpeza e percepção de priorização desigual de bairros:** A qualidade de vida também é narrada a partir de aspectos cotidianos de gestão urbana: iluminação pública, limpeza, manutenção e presença do poder público nos bairros. As falas indicam percepção de desigualdade territorial no cuidado urbano (“alguns bairros são priorizados e outros esquecidos”), o que impacta sensação de justiça, segurança e pertencimento.
- ❑ **Conectividade e custo de deslocamento:** **passagens, retirada de companhias e pedágio como “barreiras”:** A dificuldade de conectividade aparece como tema com forte carga emocional: passagens aéreas caras, redução de oferta e a percepção de que “sair do estado” virou privilégio. O pedágio é citado como custo adicional que encarece circulação e, na visão dos participantes, repercute no preço de bens e serviços, pressionando o custo de vida.

Em Porto Velho, as “outras demandas” organizam-se em torno de uma expectativa por uma cidade mais atrativa e funcional: com lazer e cultura mais presentes, oportunidades de emprego qualificado, manutenção urbana mais equitativa entre bairros e maior conectividade a custos acessíveis. Embora não ocupem o topo imediato das urgências, essas pautas operam como termômetro de retenção e perspectiva de futuro: quando a cidade não oferece experiências, oportunidades e circulação viável, tende a ser percebida como um lugar “possível para viver”, mas limitado para crescer, planejar e permanecer no longo prazo.

CONCLUSÃO

- Os grupos focais realizados em Porto Velho indicam uma percepção predominante de que a cidade convive com um conjunto de gargalos estruturais que afetam diretamente a qualidade de vida e a confiança na capacidade de resposta do poder público. Entre as prioridades, **Saúde** aparece como demanda central e mais urgente, associada à sobrecarga das UPAs, demora de atendimento, falta de medicamentos e falhas de fluxo para exames e especialidades. O Hospital João Paulo II surge como símbolo recorrente do colapso percebido, reforçando a sensação de insuficiência da rede para a demanda da capital.
- A **Segurança pública** é descrita como eixo em agravamento, com forte impacto sobre hábitos cotidianos. A insegurança relatada não se restringe a casos pontuais; ela se manifesta como restrição de circulação e perda de tranquilidade, com menções ao avanço de facções e a episódios de violência que intensificam o medo e a sensação de vulnerabilidade territorial. Nesse cenário, a demanda dos participantes combina ações imediatas de presença e resposta com estratégias de prevenção e recuperação de controle em áreas críticas.

CONCLUSÃO

- Na **Educação**, o discurso aponta fragilidades relacionadas tanto ao ambiente escolar quanto à capacidade do sistema de garantir aprendizagem. Problemas de infraestrutura, turmas cheias, necessidade de formação continuada e suporte insuficiente, especialmente para estudantes neuro divergentes, com demanda por cuidadores, reforçam a percepção de que a rede precisa de condições mínimas para recuperar efetividade e equidade. A educação, nesse sentido, é entendida como agenda de futuro, diretamente conectada a oportunidades e mobilidade social.
- No campo da **infraestrutura urbana, saneamento e drenagem** aparecem como fatores transversais: alagamentos recorrentes, percepção de obras incompletas (“asfalta, mas não resolve o destino da água”) e riscos no trânsito durante chuvas impactam mobilidade, saúde e segurança. Ao mesmo tempo, parte dos participantes reconhece que o problema envolve responsabilidade compartilhada, com menções ao descarte inadequado de lixo e à necessidade de fiscalização e educação ambiental. Também se observa a leitura de que há esforços recentes da gestão municipal em ações de manutenção e enfrentamento de pontos críticos, embora o diagnóstico geral seja de um passivo histórico que exige continuidade e planejamento de médio prazo.

CONCLUSÃO

- Além disso, surgem demandas complementares relacionadas a **emprego qualificado, lazer e cultura e conectividade**, que operam como indicadores de atratividade e pertencimento. A cidade é vista como acolhedora e com potencial, mas ainda limitada em opções de lazer e programação cultural, com reconhecimento de eventos recentes, porém com expectativa de maior constância e estrutura. Em paralelo, a dificuldade de acesso a oportunidades de emprego de melhor qualidade e o alto custo de deslocamento reforçam a percepção de barreiras ao desenvolvimento e à permanência no longo prazo.
- Em síntese, Porto Velho é descrita como uma cidade com forte vínculo afetivo e potencial reconhecido, mas que exige avanços consistentes nos serviços essenciais e na infraestrutura base. Para os participantes, recuperar confiança passa por entregas concretas e previsíveis, com critérios transparentes de priorização e comunicação clara de resultados. A percepção de melhora tende a se consolidar quando ações pontuais se transformam em políticas contínuas, com impacto visível na rotina, reduzindo esperas e desorganização na saúde, ampliando sensação de segurança, fortalecendo condições de ensino e mitigando alagamentos e falhas de drenagem.



PERFIL

P E S Q U I S A S